

# O estilo FH: quando o sim pode ser não

ADRIANA VASCONCELOS e MARIA LIMA

BRASÍLIA — Haja jogo de cintura e disposição para perder noites de sono em negociações com o objetivo de aparar arestas e apagar incêndios. Parlamentares da base governista, ministros e assessores do Palácio do Planalto revelam que têm um trabalho enorme para administrar as crises provocadas pelo estilo tortuoso do presidente Fernando Henrique Cardoso de dizer um simples não. Eles reconhecem, no entanto, que apesar de dizer sim quando quer dizer não, ou vice-versa, o presidente só faz o que quer. Apesar das aparências, ninguém o intimida ou pressiona a fazer o que não quer. No fim da tempestade, sempre acaba prevalecendo sua vontade, dizem.

Para muitos no Palácio do Planalto, o estilo de Fernando Henrique chega a ser "maquiavélico", no sentido de que ele sabe exatamente como vai acabar cada situação. As vezes um parlamentar aliado ou representante de algum setor vai ao seu gabinete reivindicar certa medida. O presidente discorda, mas, para não criar uma área de atrito, diz não de uma forma que o visitante sai se achando vitorioso.

— Ele tem charme para dizer não. É tão charmoso que as pessoas nem percebem que levaram um não — diz uma das "vítimas" do estilo do presidente.

Segundo o secretário nacional de Comunicação Social, embaixador Sérgio Amaral, o estilo do presidente é antes de tudo democrático.

— Em todos os casos o presidente busca o debate e a negociação. Mas, quando decide, ele é firme — diz o porta-voz, que muitas vezes tem dificuldades para consertar as idas e vindas de Fernando Henrique.

A crise no relacionamento entre o presidente e o senador Antônio Carlos Magalhães (PFL-BA), provocada pelo episódio do Banco Econômico, foi, na opinião dos auxiliares do Planalto, o resultado de uma série de desencontros e mal-entendidos. O fato de ter aceitado receber os baianos em seu gabinete, por mais de uma vez, levou a opinião pública e parlamentares a concluir que Fernando Henrique teria sucumbido às pressões do PFL da Bahia, assumindo uma posição de fraqueza diante de ameaças.

— Não se pode confundir um ato de negociação, uma posição não autoritária, com tibieza —



“ O presidente, quando quer, é uma esfinge. Mas às vezes fica uma arara ”

Élcio Álvares, líder do Governo no Senado

“ Entre o preto e o branco, o presidente vê o cinza claro, o cinza escuro... ”

José Anibal, líder do PSDB na Câmara

justifica um dos interlocutores do presidente.

— Ele chegou à Presidência por esse seu estilo. Ele não abre mão de receber e conversar com parlamentares. Não se intimida com ninguém nem vai deixar de receber ninguém — acrescenta outro assessor.

O próprio Fernando Henrique não se importa de assumir o ônus do desgaste quando tem

que dizer não. Foi assim no caso Dallari. Cobrado, preferiu dar ao secretário nacional de Acompanhamento Econômico a oportunidade de se defender das denúncias de tráfico de influência.

Pode-se contabilizar vítimas do estilo Fernando Henrique até dentro do próprio Governo. O ministro da Saúde, Adib Jatene, foi um dos que receberam um sim do presidente, para a recria-

ção do IPMF. Um sim que, na prática, era um não. Cansado das cobranças e da choradeira de Jatene, mas tendo do outro lado a oposição da equipe econômica, o presidente preferiu sair pela tangente: disse que aceitaria, desde que fosse uma solução que partisse do Congresso. Como o Governo, por outros ministros, bombardeia a proposta, tudo indica que o novo imposto vai ficar guardado na gaveta.